

Instruções Técnicas da Embrapa Semi-Árido

34

Petrolina, dezembro de 2000

ESTRATÉGIAS DE CONTROLE DO PULGÃO DA ACEROLA EM PLANTIOS IRRIGADOS NO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO

*Flávia Rabelo Barbosa
Kátia M. M. Siqueira
Wellington Antônio Moreira
Francisca Nemauro Pedrosa Haji
José Adalberto de Alencar*

**Flávia R. Barbosa¹, Kátia M. M. Siqueira², Wellington A. Moreira¹,
Francisca Nemauro P. Haji¹, José Adalberto de Alencar¹**

¹Embrapa Semi-Árido Caixa Postal 23, CEP 56300-970, Petrolina-PE. E-mail: flavia@cpatsa.embrapa.br; ²UNEB. Dept. de Tecnologia e Ciências Sociais, CEP 48900-000, Juazeiro-BA.

O controle químico de pragas na cultura da acerola deve ser encarado com bastante cautela, tendo em vista a presença, na planta, de frutos em ponto de colheita quase que ininterruptamente. Deve-se também ter em mente que o destino do fruto é para consumo "in natura" ou aproveitamento imediato pela indústria de processamento de polpa, por isso há a preocupação com resíduos de agrotóxicos nos frutos.

O conhecimento das pragas e insetos benéficos associados à aceroleira no submédio São Francisco são ainda escassos. Levantamentos foram realizados em pomares comerciais no pólo de irrigação Petrolina, PE/Juazeiro, BA, no período de setembro de 1998 a outubro de 1999, constatando-se como praga principal, o pulgão *Aphis gossypii*.

DESCRIÇÃO DA PRAGA

O adulto mede cerca de 1,3 mm de comprimento e 0,6 mm de maior largura. As ninfas são amarelo-claro ou marrom. A fêmea

adulto pode ser alada ou áptera, com coloração amarelo-claro ou marrom; a forma alada possui a cabeça e o tórax pretos. No início, os indivíduos são ápteros e a população cresce de forma mais intensa. Depois, aparecem as formas aladas que voam para outras plantas à procura de alimento, constituindo novas colônias. São capazes de se reproduzir sem a presença de machos. Nas regiões tropicais, os machos são extremamente raros ou inexistentes.

Sintomas e Danos

Os insetos localizam-se na face inferior das folhas (Figura 1). Ao se alimentarem da seiva, injetam na planta saliva tóxica. Infestações desses insetos são observadas em folhas, brotos e pedúnculo de frutos, provocando o encarquilhamento, murcha e secamento de folhas, redução e queda prematura de frutos. Além disso há redução da capacidade fotossintética da planta, devido à ocorrência de fumagina.



Fig. 1. Colonia de pulgões.

ESTRATÉGIAS DE CONTROLE

1. ESCOLHA E AQUISIÇÃO DO MATERIAL PROPAGATIVO E FASE INICIAL DO POMAR

- ◆ Análise de solo antes do plantio.
- ◆ Bom preparo de solo. Sabe-se que a aração e gradagem, reduzem populações de insetos.
- ◆ Aquisição de mudas em viveiros idôneos e registrados.
- ◆ Adubação adequada (plantas vigorosas suportam com maior facilidade os danos diretos e indiretos ocasionados pelos insetos pragas).
- ◆ Utilização de espaçamento e densidade de plantio recomendados para a cultura.
- ◆ Descartar mudas com problemas. Se necessário, aplicar inseticida nas mudas, antes do plantio.

- ◆ Controle de formigas cortadeiras na área do plantio e nas proximidades.

2. RECOMENDAÇÕES APÓS O PLANTIO

2.1. Monitoramento

- ◆ Fazer inspeção semanal no pomar para verificação da presença de pragas ou sintomas de seus danos.

2.2. Controle

2.2.1. Controle cultural

- ◆ Poda e queima dos ramos atacados.
- ◆ Eliminação, nas proximidades do plantio, de ervas daninhas e/ou plantas silvestres/cultivadas, hospedeiras de pragas. Em levantamentos realizados em pomares comerciais em Petrolina, PE e Juazeiro, BA, foram identificadas as seguintes ervas daninhas hospedeiras do pulgão: beldroega (*Portulaca oleracea* L.), bredo (*Amaranthus spinosus* L.), pega pinto (*Boerhaavia diffusa* L.) e malva branca (*Sida cordifolia* L.).
- ◆ Cultivo, próximo ao pomar, de plantas repelentes a insetos, como neem, gergelim.
- ◆ Eliminação de restos de cultura imediatamente após a

poda e/ou colheita, para impedir a formação de foco de sobrevivência para ovos, formas jovens e adultos de pragas.

2.2.2. Controle Biológico Natural

Em levantamentos realizados em pomares comerciais em Petrolina, PE e Juazeiro, BA, os inimigos naturais observados foram: joaninhas *Cycloneda sanguinea* e *Scymnus* sp., aranhas, crisopídeos (bicho lixeiro), sirfídeos e stafilinídeos. A presença de pulgões parasitados por microhimenópteros (Fig. 2) também é comum nos meses de junho e julho, quando o clima é mais ameno. O parasitóide realiza a postura no interior do corpo do pulgão, onde permanece até a emergência do adulto. No final do desenvolvimento da larva, ocorre a morte do pulgão.



Fig. 2. Pulgões parasitados por microhimenópteros.

◆ Utilizar cultura atrativa a inimigos naturais, como o plantio de faixas de *Crotalaria* spp. O pulgão, que ataca a *Crotalaria* spp., atrai joaninhas, bicho-lixeiro, sirfídeos, etc. e estes migram para a acerola, onde controlam as pragas.

2.2.3. Controle Alternativo

O controle alternativo do pulgão pode ser realizado com detergente neutro (160 ml/20 litros de água) e farinha de trigo sem fermento (1000g/20 litros de água). Quando se utilizou farinha de trigo, verificou-se redução de 49,2% na percentagem de galhos infestados por pulgões e de 17,1% quando o detergente foi utilizado. É importante observar que, no caso da farinha de trigo, a mistura farinha de trigo e água deve ser constantemente agitada para que não ocorra decantação.

2.2.4. Controle Químico

Não há agroquímicos registrados pelo Ministério da Agricultura para a cultura da aceroleira, por esta razão não fazemos recomendações de inseticidas específicos para o controle de pulgões. Contudo, havendo necessidade de controle químico (infestações elevadas –

média igual ou maior de cinco ramos e/ou pedúnculo do fruto com a presença de colônias de pulgão), deve-se optar pela utilização de inseticidas seletivos,

visando à preservação dos inimigos naturais, marcando previamente e pulverizando apenas as plantas infestadas, nunca a área total do pomar.

Instruções Técnicas da Embrapa Semi-Árido são publicações com periodicidade irregular. Com este tipo de publicações, pretende-se a divulgação das tecnologias agropecuárias apropriadas e de interesse econômico para a região semi-árida do Nordeste brasileiro.

Planejamento e editoração: Francisco Lopes Filho, Eng^o Agr^o, M.Sc., Pesquisador em Fitotecnia - Área de Comunicação Empresarial. Diagramação: Nivaldo Torres dos Santos.